

Resenha

BURKE, P. *Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna*. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Editora UNESP, 2010, 232p.

Trocas culturais e intercâmbios linguísticos na Europa moderna

Diogo da Silva Roiz*

O livro *Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna*, de Peter Burke, visa a analisar de que maneira ocorreram trocas culturais, em vista das quais foram viabilizados diversos intercâmbios linguísticos na Europa moderna, entre os séculos XV e XVIII; isto é, seu objetivo principal foi “refletir sobre a evolução das relações entre língua e comunidade ou, mais especificamente, entre línguas e comunidades (no plural) na Europa e em outras regiões nas quais as línguas europeias eram faladas, desde a invenção da imprensa até a Revolução Francesa” (p. 17).

Para abordar a questão indica que é preciso não perder de vista que toda “língua tem sua própria cronologia”, devendo-se visualizar quais evidências que deixou inscrita no tempo que veiculam sua existência e suas características, e de que modo atingimos explicações satisfatórias sobre as mudanças linguísticas no tempo e suas interrelações com outras.

Com base nesses três problemas, que passa a averiguar de que maneira as línguas europeias foram se desenvolvendo a partir do século XIII.

* Doutorando em História pela UFPR, bolsista do CNPq. Mestre em História pela Unesp, Campus de Franca. Professor dos cursos de História e de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), na Unidade de Amambai. E-mail: diogosr@yahoo.com.br

Para isso, não apenas passa em revista os autores do período, em especial, aqueles vinculados ao Renascimento italiano, como também verifica de que maneira houve a passagem do latim para outros vernáculos. Essa passagem teria correspondido às expectativas, de certo modo, impregnadas sobre a exegese bíblica e a divulgação da palavra diretamente entre os fieis, assim como a maior intensificação das trocas linguísticas, proliferadas com os desdobramentos das grandes descobertas marítimas dos séculos XV e XVI. A (re)descoberta do outro (‘primitivo’), assim como o “interesse particular [...] dedicado às línguas dos camponeses, não porque os linguistas admirassem sua pureza, mas porque os leitores urbanos consideravam-nas exóticas” (p. 46), foram fundamentais, não apenas porque através de seu estudo se gerassem certas imitações, mas também porque a “língua da burguesia [...] atraiu a atenção dos satiristas devido ao lugar ocupado pela fala nas estratégias de mobilidade social, ou pelo menos nas tentativas de se passar por nobres” (p. 47).

Nesse aspecto, a proliferação das traduções da bíblia, de dicionários, estudos sobre a língua, a fala e a escrita propiciaram além de uma redescoberta da linguagem, um retorno as comunidades locais e regionais. Se o latim até então era tido como a língua que centralizava todos os processos políticos e religiosos, com a “Reforma Protestante obviamente levou a uma drástica redução do território do latim” (p. 64). Uma “reação alternativa ao declínio do latim foi a adoção, por parte de europeus instruídos, de um único vernáculo, como língua internacional”, e a “transição na direção do francês no fim do século XVII fez parte da chamada ‘ascensão dos vernáculos’” (p. 75). Entre 1529 e 1663, o autor verificou doze defesas impressas sobre o vernáculo, de modo a ampliar a proliferação das línguas nativas sobre o latim.

Mas, no interior desse complexo processo, muito “mais comum do que a extinção linguística foi o desaparecimento de certas línguas de alguns domínios públicos, como tribunais e escolas; em outras palavras, uma espécie de recuo linguístico para a vida privada” (p. 87). Para ele, a “expansão simultânea de vários vernáculos europeus para um número cada vez maior de

domínios linguísticos levou a mais contatos entre eles” (p. 104), e esses contatos realizaram diversas misturas, num processo que manteve fluxos internos e externos na Europa, quer dizer, internos ao próprio continente, onde, cada vez mais, o francês tomava o lugar do latim como língua central, e externos, em função dos contatos com outros povos e continentes.

Ao mesmo tempo em que ocorria uma proliferação dos vernáculos locais e regionais existia uma tensão em relação à padronização das línguas, com a formação dos Estados e a conseqüente definição dos territórios nacionais. Daí os problemas de ordem ortográfica, semântica e linguística, correspondentes a consolidação de línguas em escala nacional, e sua padronização, homogeneização, diante da pluralidade (seja quanto à pronúncia, a fala, ou mesmo a escrita). Nesse ínterim, as línguas europeias “estavam se enriquecendo ao tomar palavras de empréstimo, fosse do latim ou de outros vernáculos” e “estavam se tornando cada vez mais misturadas” (p. 126).

Em meio a tal processo, o “mapa linguístico do centro-leste da Europa era particularmente fragmentado, em contraste com a Europa Central de um lado e a Rússia do outro” (p. 134). Mas, nem todos foram receptivos a esse processo de trocas linguísticas e hibridismos culturais. De fato, foi “no século XVII que os movimentos europeus pela purificação linguística ganharam muita força” (p. 156), em reação a proliferação das misturas entre as línguas. Não sem razão, o “movimento internacional para a purificação da língua [...] foi um movimento das minorias a favor das minorias” (p. 175). Isso porque, “os governos da Europa e de outros lugares tornaram-se cada vez mais preocupados com a língua cotidiana das pessoas comuns” após 1789, e a “questão [que perpassaria por entre essas relações] é que a língua ao mesmo tempo expressa e ajuda a criar comunidades nacionais” (p. 177). Para ele, foi durante o período de 1450 a 1789 que se firmaria a variedade linguística da Europa, em torno de 71 línguas ou dialetos peculiares (ver apêndice, p. 191-2).

Assim, ao abordar as linguagens e comunidades nos primórdios da Europa moderna, o autor nos fornece um rico painel sobre o desenvolvimento dos idiomas locais, de que maneira se constituíram os processos de

padronização da linguagem, em que medida esses processos não conseguiram atingir as misturas e os hibridismos linguísticos e culturais vislumbrados entre os vernáculos, e como se deram as trocas culturais e as misturas linguísticas entre os dialetos e as línguas europeias. Nessa perspectiva, a obra é uma referência importante para se conhecer a história da linguagem, das línguas e de suas incessantes trocas culturais na Europa moderna.

Enviado em junho de 2011.

Aceito em julho de 2012.